

Chico - Alcinha com que se apodavam os militares portugueses do quadro. No decurso da guerra nacionalista os militares profissionais portugueses eram mal vistos pelos seus congéneres milicianos, que cumpriam o serviço militar obrigatório, pois estes não aceitavam que voluntariamente alguém "*metesse o Chico*" ou seja entrasse para a vida militar voluntariamente, numa estrutura que se auto-sustentava por via da guerra.

Chicomanhana - (1830??) - Régulo chope, que terá nascido por volta de 1830. Entre 1/860 e 1866 combateu Maueva, aliando-se a Muzila e ajudando-o a conquistar o trono angune. Colaborou com os portugueses na guerra contra Gungunhana.

Chicova, Reino de - Pequeno Reino que se situava na zona de Tete, a sul do rio Zambeze e que estava avassalado ao Reino do Monomotapa. A existência de minas de prata nos seus territórios despertou o interesse e a consequente instalação de portugueses. No ano de 1572 Francisco Barreto, no decurso da sua expedição militar pelo Reino do Monomotapa, deixou uma guarnição de cerca de duzentos homens, com a missão de conseguirem determinar onde se situavam as muito faladas, mas nunca vistas, minas de prata de Chicova. Esta guarnição acabou por ser chacinada pelas populações locais, cansadas de serem permanentemente espoliados dos seus bens pelos invasores portugueses. Em 1614 Diogo Simões Madeira mandou construir o forte de São Miguel, mas as minas de Chicova nunca passaram de uma lenda. Foi em Chicova que se deu o massacre que viti-

mou o Governador Vilas-Boas Truão, em 1807.

Chicuembo - Espírito, feitiço.

Chiculo - Timbila duplo baixo, de três a quatro notas; guio.

Chigovia - Instrumento musical de sopro, que tanto pode ser feito de um fruto redondo (massala, por exemplo) como de barro. No mesmo efectuam-se alguns furos, normalmente em número de três, sendo um maior que os outros, sendo por este que o tocador sopra enquanto que, com os dedos, tapa ou destapa os restantes furos.

Chilanzane - Timbila soprano, de doze a dezasseis notas.

Chiloane, Ilha de - Situada na foz do rio Save, perto de Sofala, servia, a partir do século XVI, de entreposto comercial para resgate de ouro e marfim. Sem grande importância estratégica, quer militar ou marítima serviu, no entanto, a partir de meados do século XIX, de refúgio aos habitantes de Sofala, receosos das investidas das gentes de Muzila pelo que, abandonando aquela localidade, muitos deles instalaram-se nesta ilha que, no entanto, nunca atingiu nenhum tipo de desenvolvimento económico

Chima - Massa grossa cozida, feita em água, com farinha de qualquer cereal (mapira, mandioca, arroz, mexoeira), farinha esta que é moída, manualmente, numa pedra própria.

Chimbire - Nome do costume africano no qual os sogros presenteiam o genro com

uma segunda mulher, muita vezes uma irmã mais nova daquela com quem ele se casou da primeira vez, como prémio por actos de relevância que ele, genro, tenha praticado em prol da família ou da comunidade.

Chioco - (?-1902) - Rei do Monomotapa. Cerca de 1860 o Rei Kandi, do Monomotapa para se libertar da influência dos portugueses, aliou-se às gentes da família Vicente da Cruz, do estado secundário de Massangano. Na década seguinte, os guerreiros do estado secundário de Carazimanba vieram arrasar parte do seu território e obrigaram Dudze, Rei do Monomotapa a exilar-se. O seu sucessor, Chioco, no exílio, alia-se aos tauara e, em 1897, também com o apoio do makombe Hanga e de Mapondera. ataca diversos prazos na zona de Tete e defronta as forças de Carazimanba. Em 1900, Chioco e os seus aliados sublevam o Zumbo, isolam Tete e acabam por conquistar Changara. No entanto, a queda do Reino do Barué, em 1902, seu aliado de sempre, deita por terra o seu velho sonho, que era o de restaurar o Reino do Monomotapa, no seu antigo esplendor. Chioco morre, durante a tomada de Missongue, capital do Reino do Barué e o seu herdeiro directo, de nome, Kamanika, é preso pelos portugueses.

Chipendane - Instrumento musical de corda composto por um arco de madeira com corda, um fio de arame que une a corda ao meio do arco e uma pequena vara com que se bate na dita corda. Pode-se variar o som obtido, apertando ou afastando o fio de arame que une a corda ao meio do arco. Pode-se encontrar este

instrumento nas zonas centro e sul do território.

Chiquitsi - Instrumento musical de percussão, muito em voga no sul do território e, quase sempre, tocado por mulheres, em festas de casamento. É composto por uma fiada de caniços em paralelo, que se entrelaçam de molde a formar uma caixa oca. No interior colocam-se pequenas pedras ou sementes, selando-se de seguida.

Chisinga - (?-1902) - Régulo que governava a Macanja quando, em finais de 1901, rebelou-se contra os portugueses, revolta essa que durou até meados do ano seguinte, altura em que, definitivamente batido, foge para a Rodésia, onde acaba por morrer, no decurso da fuga.

Chissano, Joaquim - (1939) - Nacionalista moçambicano, tendo chegado ao cargo de Presidente da República de Moçambique. Finalizou o ensino secundário em Lourenço Marques, no Liceu Salazar, após o que veio para Lisboa, em 1960, cursar medicina mas, no ano seguinte, fugiu para França. Membro da FRELIMO desde a primeira hora, onde exerceu, no início, as funções de Secretário de Eduardo Mondlane. Desde 1963 que integra os Comités Executivo e Central da FRELIMQ e, em 1968, é eleito para o cargo de Secretário da Segurança. Após o Acordo de Lusaca de 1974, instala-se em Lourenço Marques como Primeiro-Ministro do Governo de Transição, onde granjeou simpatias no seio da comunidade portuguesa, face à sua postura de verticalidade e serenidade, contrastando com o fervor dos ventos

revolucionários que sopravam no seio dos simpatizantes da FRELIMO. Após independência do País, em 1975, exerceu o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros o que lhe permitiu, face às suas frequentes deslocações ao estrangeiro afastar-se, com elegância, da política interna do seu País, assolada pela radicalização da revolução. Posteriormente, ascende à Presidência da República, cargo a que assume após a morte de Samora Machel. Desempenhou estas funções até Fevereiro de 2005, após ter disputado duas eleições democráticas, altura em que foi substituído por Armando Guebuza. Com um perfil político moderado e dialogante, aproveitou o seu consulado presidencial para operar um autêntica revolução tranquila no seu País, havendo a destacar, entre outras, a implementação e consolidação da democracia parlamentar; o desmantelamento do Estado Socialista, de orientação ditatorial marxista-leninista imposta à força desde a data da independência; o findar da guerra civil no território com a celebração do cessar-fogo acordado em Roma; bem como a convocação de eleições livres. Detentor de um enorme capital político internacional, Joaquim Chissano elevou ao mais alto nível a fasquia política do seu País, podendo-se considerar, muito justamente, como um dos mais brilhantes líderes que África teve, ombreando com Nelson Mandela.

Chita - Tecido de algodão, estampado, de origem asiática.

Chitata - Fortificação improvisada, mais pequena que a aringa, funcionava como posto avançado de guarnições.

Chopes, Os - No decorrer do século XVII predominavam os chona-carangas na planície do Bilene, bem como na zona entre o rio Limpopo e Inhambane. Neste mesmo século, com a chegada de angunes do clã "n'cuna" tornou-se natural o seu cruzamento o qual teria dado origem aos "Bila-N'culo" donde o nome da localidade de Vilanculos, povo proto-chope, tendo estes dominado a planície do Bilene até ao início do século XVIII. A partir desta data chegam outros povos dominantes, derivados dos Venda e Lobedo e, posteriormente, os Valois e os Langa, um tronco dos Cossa. A tecelagem e apicultura, faziam parte das actividades económicas dos chopes, cuja palavra deriva de "ku-txepa" (língua tswa), surgida no século XIX, e que significa "atirar setas". Mas foi nas artes musicais que este povo atingiu a sua máxima expressão artística, através da utilização concertada das timbilas e dos tambores, acompanhadas de danças coreografadas. Os chopes viviam em tribos autónomas umas das outras e só no século XIX é que no regulado de Cambamba-Mondlane se tentou a sua unificação, mas mesmo assim numa zona restrita. As invasões angunes fraccionam os chopes e os que não se refugiaram nas áreas de influência portuguesa acabaram chacinados pelos angunes, principalmente do reinado de Gungunhana que, em 1895, mandou os seus homens conquistar os cocolenes chopes, que Binguane, Régulo de Cambamba-Mondlane, tinha mandado instalar e reforçar, para resistir aos angunes. Os chopes pagaram um elevado preço por esta resistência, tendo sido massacrados aos milhares, em violentas lutas travadas nos cocolenes.

pela sua integridade territorial, tendo os sobreviventes sido vendidos como escravos, por ordens de Gungunhana.

Chorôro - Aguardente de pombe.

Chuabo - O mesmo que bergantil.

Chuambo - Área do complexo habitacional e comercial, com armazéns, para os proprietários e escravos.

Chuanga - Escravo-chefe, que tinha as mesmas funções do samacoa, nos prazos; intérprete.

Chumbutar - Corruptela portuguesa do verbo ronga "ku-txhumbuta" e que significa o acto de provar comida ou bebida.

Chupata - Nome do tributo alfandegário com que os potentados cobravam aos mercadores sertanejos, para deixarem transitar as mercadorias nos seus domínios, tributo este que também se aplicava às pessoas.

Churro - O mesmo que chuambo.

Chuvas, Feiticeiros das - Sendo as chuvas um poderoso agente regulador das actividades humanas e animais em qualquer parte do mundo, tal regra também se aplicava em Africa. As longas estiagens provocavam fomes, pelo desaparecimento da caça bem como pela morte das colheitas. Era uma maldição a que nenhum povo escapava e o aparecimento natural das chuvas era tida como uma bênção dos deuses, prenúncio de fartura alimentar e colheitas abundantes. Por isso os feiticeiros com poderes de "fa-

bricarem" chuva eram muito poderosos e reverenciados, sendo pagos principescamente pela sua actividade e, muitas vezes, eram os próprios reis que detinham o monopólio dos poderes pluviais. O chamamento da chuva, pelo feiticeiros, era feita por rezas e artes adivinhatórias, onde por vezes, descobriam culpados, no seio da população que, por actos que tivessem praticado, tinham afastado a chuva daquelas regiões. No século XIX, a Rainha Mojaju, estabelecida na zona do Transvaal, foi uma das mais célebres e poderosas feiticeiras da chuva. Criara-se o mito que a mesma não se podia casar, concebendo em estado virgem e a sua descendência, sempre feminina, adoptava o mesmo nome, símbolo da sua imortalidade para os povos, já que era sempre a mesma que governava secularmente. Segundo Dioleciano Fernandes das Neves uma das embaixadas que recebeu para tratar do problema da falta de chuva, foi enviada por Maueva, a quem a dita Rainha acabou por lho resolver, depois de ter aconselhado o mesmo a excomungar o espírito dos irmãos que mandara matar e que ainda vagueavam nas sua aldeias. Muitas vezes este charlatanismo do chamamento das chuvas resultava mesmo em chuvadas, mas prendia-se com o facto dos ditos feiticeiros arrastarem por meses as suas exéquias, até que algum dia acabava mesmo por chover, fruto da actividade regular da Mãe-Natureza. No entanto, para os povos crentes da feitiçaria, as quedas pluviométricas tinham sido sempre graças à intervenção dos feiticeiros.

Cipaio - O mesmo que sipaio.

Cirne, Vasconcelos de - (1784-1832- *Manuel Joaquim Mendes de Vasconcelos e Cirne*) - Degredado para a Índia, em 1802, naufraga nas costas de Moçambique, acabando por ingressar na vida militar na colónia. Várias vezes preso, a que se seguem as consequentes despromoções militares é, no entanto, promovido a Capitão do Exército, em 1808. Dedicar-se ao tráfico de escravos, o que o leva a ir ao Brasil em 1812. No ano seguinte e até 1818 exerce o cargo de Governador de Ouelimane, cargo que reocupa em 1829, assumindo também o cargo de Governador dos Rios de Sena reunindo-se, de novo, os dois territórios na mesma administração. Em 1831 organiza uma expedição ao Reino do Cazembe, onde se integra o famoso explorador Pedroso Gamito. Morreu em Tete, tendo publicado "*Memória sobre a Província de Moçambique*".

Clube Ferroviário de Moçambique -

O maior clube de Moçambique (ou não estivesse ele ligado aos Caminhos de Ferro de Moçambique) nasceu em 1924, em Lourenço Marques, rezando parcialmente a sua primeira acta o seguinte: "*Aos 13 dias de Outubro de 1924, pelas 20H00, reuniu-se na casa nº 13 da Vila Mouzinho um grupo de ferroviários que deliberou fundar em Lourenço Marques uma associação denominada Clube Desportivo Ferroviário destinada a exercer o desporto e beneficência; mais deliberou nomear uma comissão composta de sete indivíduos, todos ferroviários para elaborar os estatutos e regulamentos pelos quais se deve reger a mesma. A Comissão, segundo a vontade dos indivíduos que aqui se reuniram, é composta pelos seguintes fer-*

roviários: Jacinto Francisco Vila Maior, António Ferreira Mouco, Armando Francisco Vila Maior, José Maria Freitas Júnior, Nicolau Dias Cardoso, José da Silva Teixeira e Luiz Couto do Amaral." Tendo iniciado a sua actividade com a prática do futebol cedo atravessou um período de letargia que só veio a romper nos princípios da década 30, quando a Direcção dos Caminhos de Ferro se interessou pelo clube e o encarregou da educação física dos seus trabalhadores, Acolchoado pelo patrocínio do mais influente "patrão" de Moçambique o clube arrancou de vez, vindo a tornar-se o maior e o mais importante clube desportivo do território. Com terreno cedido pela Câmara Municipal laurentina construiu o seu campo de futebol que vem a baptizar de "Eng. Freitas e Costa", em 1944. Espalhou por todo o Moçambique delegações suas, num total de vinte e uma, sempre com o beneplácito do todo poderoso Caminhos de Ferro, sendo certo que todas elas possuíam instalações próprias para sede e parques desportivos. Abarcando diversas modalidades desportivas que iam desde o omnipresente futebol ao ciclismo, passando pelo atletismo, basquetebol, natação, ténis (de campo e de mesa), ginástica e tiro, entre outras, interveio no campo cultural, criando departamentos de xadrez, ballet e banda de música para além da inevitável biblioteca, inaugurando, na década de 60, o Estádio Salazar, na Machava, a sua jóia da coroa.

Cobué - Adorno, para ambos os sexos, composto por um pequeno disco de madeira, que se coloca no lábio superior. Este costume, que provocava lesões

irrecuperáveis em quem o usava porque exageravam no seu tamanho, foi combatido pelas autoridades portuguesas e, a partir de meados do século XX, tornava-se raro encontrar pessoas com este enfeite.

Cobula - (??) - O último dos rebeldes de Angoche. Era régulo da zona da Mogovola, tendo combatido os portugueses, aliando-se a Farelay, a Ibrahim-bin-Sultani e a Guarnea. Em 12 de Dezembro de 1902 as suas gentes assassinam Paes de Almeida e Pitta Simões. Em 1910 rompe com Farelay e, comandando um exército de milhares de guerreiros, ataca Neutel de Abreu, em Junho desse ano. No entanto, sai derrotado do confronto e perde o seu familiar mais próximo e sucessor natural, o seu sobrinho Sali, morto nesse combate. Ainda nesse ano, Farelay, Guarnea e Ibrahim-bin-Sultani são presos e Cobula torna-se o único chefe de guerra a dar combate aos portugueses. Em 1911 leva a guerra ao interior do sertão, aproveitando a revolta do xequ de Sangage, Mussa-Piri. Finalmente, em 1913, em Iuluti, Cobula é preso. Terá morrido, no decurso da década de 30, na clandestinidade.

Coca-cola - Alcinha que se aplicava aos europeus naturais de Moçambique, no geral e de Lourenço Marques, em particular. Contrariamente ao resto do território português, o Governo autorizava o fabrico e venda deste refrigerante em Moçambique, que acabou por se tornar numa das imagens de marca deste território e, por extensão, o nome desta bebida acabou por abranger o seio da população colonial que aí vivia.

Coche - Pequeno barco, típico de Moçambique, para transporte de mercadorias.

Coco - Referido, inicialmente, por noz da Índia, pelos navegadores portugueses. Da árvore do coqueiro aproveita-se o tronco para madeira; da seiva faz-se açúcar e, depois de fermentada, dessa mesma seiva faz-se vinho de palma (sura) e, destilado este, deriva-se para a aguardente. As fibras do coco aplicam-se no fabrico da cordoaria, a casca do mesmo, cortada ao meio, serve para vasilhame e lustrar madeirame, para além de ser comburente. A água contida no interior do coco é saudável e perfeitamente bebível, a amêndoa do mesmo (polpa) é comestível, originando o leite de coco, quando misturada com água, que se usa na culinária. Esta mesma polpa, quando seca é usada na confeitaria e também se pode extrair óleo de coco e fabrico de sabão. Até ao século XIX usava-se o termo palmeira para definir o que hoje se chama coqueiro.

Cocolo - Paliçada de troncos de árvores que protegiam os aldeamentos chopes.

Cocolene - O mesmo que cocolo.

Codjil - Adorno feminino, composto por manilhas de arame fino.

Coelho, Nicolau - (?-1503) - Navegador português, terá vivido do século XV para o século XVI. Comandou a nau Bérrio, na primeira viagem marítima de Vasco da Gama, para a Índia. Foi esta nau a primeira a explorar e sondar o canal de Moçambique, atendendo ao facto de ser a mais pequena da armada. Regressou ao